

História da educação de surdos:

Idade Contemporânea

O final da Idade Moderna foi marcado por uma disputa entre o método adotado pelo Abade L'Épée, que utilizava a língua de sinais na educação de surdos (método francês), e o método hoje conhecido como *oralista* (método alemão), concebido pelo pedagogo alemão Samuel Heinicke (1729-1790), que ensinou vários surdos a falar.

Paralelamente ao trabalho de L'Épée, destacou-se na França Roch Ambroise Sicard (1742-1822), também abade, que fundou a Escola de Surdos de Bordéus e mais tarde foi sucessor de L'Épée na direção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, em 1790. Nesse período, o número de professores surdos superou o número de ouvintes atuantes na instituição.

Em 1779, Pierre Desloges, que ficou surdo aos sete anos devido à varíola, autor do livro (sem título oficial conhecido) considerado como a primeira publicação de um surdo, defendeu o uso da língua de sinais e manifestou-se contra as ideias oralistas que se firmavam naquele período.

Outro fator que também contribuiu para o fortalecimento da mentalidade oralista foi a invenção da pilha eletrolítica, por Alessandro Volta, em 1800. Em seus estudos, Volta relata, ainda, a estimulação elétrica dos ouvidos, ligando uma varinha a duas baterias introduzidas no canal auditivo. Dessa forma, teve-se notícia das primeiras próteses auditivas manufaturadas em Londres.

A disputa entre os métodos espalhou-se por vários países, sendo que em 1807 Peter Castberg fundou a primeira escola para surdos na Dinamarca, que utilizava o método francês, ou seja, com uso da língua de sinais. E nesse mesmo período, em 1808, surgiu na própria França um médico chamado Jean-Marc Itard, que ensinou alguns surdos a falar, propondo um método baseado no treinamento da detecção e discriminação dos sons, passando aos exercícios de fala e por último à escrita, ou seja muito convergente à proposta alemã.



Domínio público.

Jean-Marc Itard (1774-1838).

Difusão dos métodos na Europa e América

Como as metodologias concentravam-se na Europa, em 1815, o norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), dirigiu-se àquele continente para conhecer as escolas de surdos e seu trabalho educacional. Recusado em Londres para aprender o método lá utilizado, seguiu para Paris, onde conhece Laurent Clerc, surdo francês e educador que o acompanha aos Estados Unidos com o objetivo de criar uma escola para surdos naquele país. Assim, em 1817, a escola de Hartford foi inaugurada, baseando o seu ensino na Língua Gestual Americana, como foi denominada na época uma mescla do francês gestualizado com o inglês e que mais tarde estruturou-se como ASL (American Sign Language). Além disso, a escola também usava o alfabeto manual e o inglês escrito para a formação de seus alunos.

Por volta de 1821, Itard reviu sua posição anterior e passou a defender a língua de sinais como natural aos surdos e que seria similar em benefício pessoal à língua oral, porém ainda acrescentou que para poder viver na sociedade, de maioria ouvinte, seria também necessário a expressão pela fala. Nesse mesmo ano, na Baviera criou-se uma escola experimental de surdos e ouvintes integrados, onde para os surdos haveria o diferencial de um apoio intensivo, porém em 1854 esse sistema foi desfeito, com a alegação de prejudicar a educação dos ouvintes.

Em Portugal, por decisão do rei D. João VI, no ano de 1823, foi fundado o Instituto de Surdos-Mudos e Cegos, sob a orientação do especialista sueco Pär Aron Borg, que muito contribuiu para o ensino de crianças surdas da Suécia e Finlândia, com a implementação do alfabeto manual e comunicação gestual.

No ano de 1838, Itard, agora médico do Instituto de Paris, obteve resultados apreciáveis de recuperação de audição com alguns alunos e marcou o início da recuperação cirúrgica da surdez do ouvido médio. Mais tarde, em 1853, os britânicos William Wilde e Joseph Toynbee publicaram um tratado sobre a cirurgia do ouvido e outro sobre a patologia do ouvido médio, conferindo respeitabilidade clínica e científica à otologia.

Nesse ínterim, nos Estados Unidos foram sendo fundadas diversas instituições, como o Instituto de Colúmbia que, graças a Edward Miner Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet passou a ter *status* de colégio e mais tarde, em 1857, deu origem à Universidade Gallaudet, onde foi presidente por 40 anos.

Alexander Graham Bell (1847-1922), conhecido por registrar a patente do telefone, abriu uma escola oralista para professores de surdos, em Boston no ano de 1872. Entre suas ideias estavam a proibição da atuação de professores surdos, a não permissão do casamento entre surdos e ainda a exigência de se ensinar a fala a todos.

Porém, mesmo com a tendência de origem francesa em manter a língua de sinais na educação dos surdos, as críticas geradas pela proposta oralista, que afirmava que somente a língua oral seria capaz de expressar toda a plenitude de pensamento do ser humano, colocando até mesmo a língua escrita num plano secundário, ganhou muitos adeptos e se fortaleceu. Com isso, no início do século XX, a maioria das escolas de surdos, em todo o mundo, abandonou o uso da língua de sinais e passou a embasar todo seu trabalho na reabilitação da fala.

Em consequência do avanço e da divulgação das práticas pedagógicas com surdos no mundo inteiro, foi realizado, em 1878, em Paris, o I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos. Esse evento foi o cenário de acalorados debates a respeito das experiências e dos trabalhos realizados até então, e dividiu as opiniões em dois grandes grupos. Um, que defendia a importância do uso dos sinais na educação, e outro, que afirmava que somente a instrução oral podia integrar o surdo na sociedade.

Congresso de Milão

No ano de 1880, em Milão, realizou-se o II Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos e foi o marco histórico de maior impacto na área da surdez e também o momento mais obscuro de toda essa jornada, sendo que as resoluções ali definidas repercutiram até quase um século.

O congresso foi organizado por uma maioria ouvinte e oralista, sendo que apenas 3 dos 255 participantes eram surdos, com o objetivo específico de dar força de lei às propostas de trabalho exclusivamente na modalidade oral na educação dos surdos.

As recomendações debatidas tiveram apoio de praticamente todas as delegações, incluindo a alemã, a italiana, a francesa, a inglesa, a sueca e a belga, sendo apenas contestadas pelo grupo norte-americano, liderado por Edward Miner Gallaudet, tendo como consequência a exclusão total da língua de sinais no ensino de surdos. Além disso, outras resoluções foram aprovadas, porém apenas uma, a primeira, por unanimidade. Foram elas:

- os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação;
- o método que desenvolve a fala deve ter preferência sobre os gestos na instrução e na educação dos surdos;
- considerando que a utilização simultânea dos gestos e da fala tem a desvantagem de prejudicar a fala, a leitura labial e a precisão das ideias, o Congresso declara que o método oral puro deve ser preferido;
- a maneira mais apropriada para os surdos adquirirem a fala é o método intuitivo, ou seja, que ensina primeiro a fala, depois a escrita;
- os professores de surdos, que utilizavam o método oralista, deveriam registrar seu trabalho a fim de publicá-los e divulgar suas técnicas;
- a comunicação dos surdos deveria ser sempre por meio da fala, independentemente se essa comunicação se daria exclusivamente entre surdos, ou entre estes e os ouvintes.
- as turmas de surdos poderiam somente ter, no máximo, 10 alunos, e a idade admitida de ingresso nas escolas seria entre os 7 ou 8 anos.
- as crianças surdas recém-admitidas nas escolas deveriam permanecer separadas das mais velhas, que já utilizavam a língua de sinais, para que não fossem “contaminadas” e sua instrução deveria ser implementada com urgência dentro do método oralista.

Observou-se no congresso que, com a ampla importância dada à aquisição da língua oral, o ensino das disciplinas (História, Geografia, Matemática etc.) foi deixado em segundo plano, o que resultou num nível muito baixo de escolarização.

Em 1900, no Congresso Internacional de Paris, menos polêmico, Edward M. Gallaudet propôs que o ensino da língua oral fosse ministrado apenas para aqueles que pudessem dela se beneficiar, entretanto sua proposta foi amplamente rejeitada, mantendo-se então as indicações do Congresso de Milão.

Em Viena, no ano de 1901, na clínica Politzer, Ferdinand Alt inventou a prótese auditiva elétrica, baseada na tecnologia do telefone.

A WFD – World Federation of the Deaf (Federação Mundial de Surdos) – foi fundada em 1951, em Roma.

No campo da otologia, foram sendo realizados diversos estudos e experimentos, até que em 1955 surgiram novos modelos de próteses auditivas, colocados num molde inserido na orelha.

Assim, no mundo todo, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Porém, em 1958, na cidade de Manchester, na Inglaterra, o Congresso Internacional sobre o Moderno Tratamento Educativo da Surdez deu início a uma renovação, extinguindo o método oral puro na maior parte dos países europeus, consagrando o método *materno-reflexivo* do holandês Van Uden.

Em seguida, a partir da publicação do artigo “Sign language structure: an outline of the usual communication system of the american deaf”, em 1960, William Stokoe demonstrou que a língua de sinais tem uma estrutura semelhante às línguas orais, e desenvolveu o conceito de *querema*, isto é, a unidade mínima da língua é o equivalente gestual de um fonema da língua oral.

Assim, com a insatisfação de vários educadores, com o insucesso do oralismo na efetiva inclusão social dos surdos, com os avanços nas pesquisas sobre as línguas de sinais e sua aceitação como código complexo e com reconhecimento de língua genuína, iniciou-se um período de novas propostas educacionais, partindo-se para a origem de um novo método, conhecido como *Comunicação Total*, idealizado por Roy Holcon em 1968. Esse método baseava-se na utilização da língua de sinais, alfabeto manual, leitura labial e fala, dependendo da possibilidade do aluno. Posteriormente, na década de 1980, começou a ter projeção mundial a filosofia do *bilinguismo*, a qual até hoje está permeando todos os processos pedagógicos voltados à educação de surdos. O bilinguismo defende o uso de duas línguas no contexto escolar, sendo a primeira língua a de sinais e a segunda língua, a oficial do país, preferencialmente na modalidade escrita.

Texto complementar

História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas

(STROBEL, 2007)¹

Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade.
Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Tomaz Tadeu da Silva

Este artigo versa sobre as identidades e as representações e se refere às práticas dos sujeitos famosos sobre as suas percepções cotidianas na sociedade nos vestígios históricos que envolvem suas identidades surdas camufladas, isto é, mascaradas. Esses seres famosos são sujeitos que todos conhecem através de vários discursos oficiais por meio de seus feitos que marcaram na história da humanidade, por exemplo, a invenção da luz, em *performances* nos cinemas e televisões, participação na política e outros, no entanto os registros nada dizem que esses mesmos famosos são surdos.

Refletimos o porquê e como se dá a representação exonerada e disfarçada da identidade surda dos discursos oficiais, tais como os registros históricos em vários livros, enciclopédias, jornais, artigos etc. nas atividades e vidas de sujeitos famosos no seu cotidiano. As representações sociais de modo geral analisam na sua forma discursiva na linguagem em que se estimulam a respeito de suas identidades imaginárias, isto é, sendo concebidos como seres ouvintes, em uma dimensão histórica no contexto agradável e aceitável para a sociedade.

Moscovici analisa a representação social como uma “formação de outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (1978, p. 24) e para esse autor as “representações sociais” se formam principalmente quando as pessoas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação de massa e à herança histórico-cultural da sociedade. E com isso brotou a necessidade de aperfei-

¹ Karin Lilian Strobel é surda e doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

coar a “qualidade de vida” dos sujeitos surdos, realçada pelos princípios que norteiam a inclusão e a “normalização” e pela evolução do conceito de promoção de saúde. Por exemplo, improvisar para que os sujeitos surdos possam aprender a falar e a ouvir, fazendo que aparentem ser “ouvintes”; isso é usar identidade mascarada de “ouvintes”, tendo a surdez fingida ou negada.

Cito o exemplo do famoso inventor de telefone, Alexander Graham Bell, cuja mãe e esposa eram surdas e, segundo o autor Sacks (1990), elas tinham as identidades da surdez negada. Sabe-se que de modo geral a representação social respinga a aversão ou vem de forma “paternalista” sobre quem é “deficiente” na sociedade. Houve um tempo em que o sujeito surdo era tratado como um ser “doente” ou “anormal”. Como esclarece Lane (1992) a respeito das representações dos surdos, a surdez não é um privilégio para a sociedade porque os surdos não podem apreciar músicas, nem participarem numa conversa, não ouvem anúncios ou utilizam o telefone, “o sujeito surdo anda à toa, parece que está numa redoma; existe uma barreira entre nós, por isso o surdo está isolado” (p. 23). O que é ser diferente? Não ser igual ou não gostar das mesmas coisas? E com isso, muitas vezes os sujeitos surdos ficam com vergonha de suas identidades surdas na sociedade e têm seu próprio medo de contar a alguém para não prejudicar a si mesmos, pois não querem que sejam vistos como “doentes” ou “anormais”.

O pesquisador surdo Miranda (2001, p. 23) adverte no que se refere à identidade surda: “Ela é ameaçada constantemente pelo ‘outro’. Esse outro pode se referir aos surdos que optaram pela representação da identidade ouvinte. Essa política de representação geralmente terá uma incidência negativa”. Então se um sujeito surdo se sobressai, excepcionalmente aprendeu a falar e a ler os lábios, isso faz muita diferença na representação social. De fato, quanto mais insistem em colocar “máscaras” nas suas identidades e quanto mais manifestações de que para os surdos é importante falar para serem aceitos na sociedade, senão eles ficam nas suas próprias sombras, medos, angústias e ansiedades. As opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo.

Cito alguns exemplos de identidade mascarada: o inventor da luz elétrica, Thomas Edison, na escola era mau aluno, pouco assíduo e desinteressado. Saiu da escola e foi alfabetizado pela mãe. Aos 12 anos vendia jornais, livros

e foi telegrafista numa ferrovia. Aos 31 anos, propôs a si mesmo o desafio de obter luz a partir da energia elétrica. Procurei em muitas enciclopédias, artigos, revistas e na maioria dessas referências bibliográficas nem citam que ele era surdo. Por que não? Será que para a sociedade é difícil conceber que um sujeito surdo possa ser um gênio a ponto de inventar a luz elétrica? Durante a infância, Thomas Edison teve uma série de infecções de ouvido que não foram propriamente tratadas. Pelo menos em uma delas, houve a retenção de fluido no ouvido médio. Artrite também foi mencionada como causa. Além disso, ele teve escarlatina. É mais provável que a verdadeira causa da deficiência auditiva de Thomas Edison seja uma das explicações médicas. Mas, seja lá qual for a razão, ele uma vez disse: “Eu não ouço o canto de um pássaro desde que tinha treze anos”.

Dica de estudo

O livro autobiográfico de Emmanuelle Laborit, uma atriz francesa surda, chamado *O Voo da Gaivota* (1996), retrata momentos marcantes de sua infância, adolescência difícil, as dificuldades na área da comunicação e sua superação na conquista de uma vida autônoma e feliz.

Atividades

1. No início da Idade Contemporânea duas metodologias se sobressaíram na educação de surdos. Cite quais são elas, suas principais características e seus idealizadores.

2. Aponte os fatos principais de resistência ao oralismo, ocorridos inicialmente na França e posteriormente nos Estados Unidos, que culminaram na fundação da Universidade Gallaudet.

3. Em sua opinião, quais foram as principais consequências das resoluções apresentadas pelo Congresso de Milão, em 1880?

Gabarito

1. Abade L'Épée – método francês – utilizava a língua de sinais na educação de surdos.

Samuel Heinicke – método alemão, conhecido como oralismo – somente trabalhava expressão oral.

2. Pierre Desloges, francês, autor do livro considerado como a primeira publicação de um surdo, defendeu o uso da língua de sinais e manifestou-se contra as ideias oralistas que se firmavam naquele período.

Thomas Hopkins Gallaudet – americano – dirigiu-se para Paris, onde conheceu Laurent Clerc, surdo francês e educador, que o acompanhou aos Estados Unidos com o objetivo de criar uma escola para surdos naquele país. Assim, foi fundada uma escola que baseava o seu ensino na Língua Gestual Americana, que mais tarde estruturou-se como ASL (American Sign Language). Além disso, a escola também usava o alfabeto manual e o inglês escrito para a formação de seus alunos. Depois, seu filho, Edward Miner Gallaudet, também educador de surdos, deu origem à Universidade Gallaudet, onde foi presidente por 40 anos.

3. Extinção do uso da língua de sinais nas escolas; utilização do método oralista em todas as escolas de surdos, privilegiando o uso da fala e da leitura labial; desrespeito aos profissionais surdos que foram impedidos de exercer sua profissão; falta de referência da cultura surda e sua identidade por meio da imposição da cultura ouvinte; colocação dos indivíduos surdos num *status* inferior ao dos ouvintes.

Referências

CABRAL, Eduardo. **Para uma Cronologia da Educação dos Surdos**. Porto: NEPES/IFSC, 2001.

HISTÓRIA dos surdos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_surdos>. Acesso em: 3 ago. 2010.

LANE, H. A. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez**. Marília: Unesp, 2007.

REVISTA da Feneis. ano 1, n. 1. Rio de Janeiro, jan./mar. 1999.

REVISTA da Feneis. ano 1, n. 2. Rio de Janeiro, abr./jun. 1999.

REVISTA da Feneis. ano 2, n. 6. Rio de Janeiro, abr./jun. 2000.

REVISTA da Feneis. ano 2, n. 8. Rio de Janeiro, out./dez. 2000.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói: UFF, 1999.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima *et al.* **Ensino da Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica. v. 2, MEC: Brasília, 2004.

STROBEL, Karin Lilian. História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. *In*: QUADROS, Ronice Müller; PERLIN, Gladis. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Florianópolis: UFSC, 2008.

[illegible]

